

ATUALIZANDO AS IDÉIAS DE PAULO FREIRE E DE JOÃO FRANCISCO DE SOUZA ATRAVÉS DAS TERTÚLIAS LITERÁRIAS.

PRESTES, Emília Maria da Trindade - UFPB/CNPQ
prestesemilia@yahoo.com.br*

Resumo

Este texto objetiva discutir a reatualização dos quarenta anos da obra *Pedagogia do Oprimido*, recordando as idéias de Paulo Freire e de seu discípulo João Francisco de Souza quanto às formas de aceitação do “outro” e de convivências com o “diferente”, num sistema mundial pluricultural. Revisando algumas das obras desses autores, tentarei oferecer subsídios capazes de reforçar a hipótese de João Francisco de que as idéias pedagógicas de Freire assumem o “ caráter de uma nova utopia para o século XXI”, contribuindo para valorizar o papel da educação no debate inter/multicultural e no interior da diversidade cultural. Para ilustrar o argumento, narro uma das minhas experiências de vida ocorrida em Barcelona, como participante de uma atividade educativa denominada Tertúlia Literária Dialógica, organizada para pessoas adultas na Escuela de Educación de Adultos La Verneda de San Martín.

Palavras-Chave: As idéias de Freire, Educação de Adultos, Tertúlia Literária Dialógica.

Introdução

Paulo Freire surgiu na minha vida no início dos anos 80, quando fazia o mestrado em Educação de Jovens e Adultos da UFPB, através de uma professora rebelde e considerada “meio louca”, do curso de Serviço Social. Foi ela, Elisa, quem apresentou Paulo Freire a nossa turma, através das leituras e comentário dos seus livros: *Pedagogia do Oprimido* e *Educação como Prática de Liberdade*.

Paulo Freire neste período, tempo de redemocratização política e de efervescência de novos movimentos sociais, havia retornado ao Brasil depois de seu longo exílio e seus livros passaram a ser editados e rapidamente esgotados. Sua presença enchia estádios e ginásios. Todos queriam ouvir a voz do educador que pregava em todo o mundo a *Pedagogia da Libertação*. O contexto sócio-político nacional de então voltava a abrir espaços para sua teoria transformar-se em práxis, através dos movimentos sociais e nos processos educativos formais, informais e não formais.

* A autora recebe financiamento do CNPQ para pesquisa, através de bolsa de produtividade

Este foi também o período em que tendo concluído o mestrado em educação de jovens e adultos, os ventos me levaram para outros horizontes; Levaram-me para o México. Foi na cidade do México, no ano de 1992, que conheci outra figura notável: João Francisco de Souza, discípulo e amigo de Paulo Freire. Estávamos ambos no aeroporto, à espera das nossas pessoas queridas. Ele ostentando um enorme bigode – creio que para homenagear Zapata – esperava Inês, sua mulher, que lhe trazia da terra distante - além do carinho – carne de sol, charque e farinha de mandioca e que, por excesso de zelo da alfândega mexicana, jamais chegaram ao destino esperado. Eu, por minha vez, esperava minha filha, uma adolescente de 15 anos que, chorosa e tremula com as turbulências do vôo, encontrou abrigo e carinho nos braços maternos de Inês.

Regressando ao Brasil, já nos anos de 1990, me surpreendi com comentários de que as idéias freirianas estavam ultrapassadas e incompatíveis com as “novas exigências” de um mundo que se “pós-modernizava” na suas complexidades e seus problemas. Mas havia os resistentes que continuavam acreditando e defendendo as idéias de Freire; que teimavam em propagar as idéias freirianas nos diferentes espaços da sociedade e se negavam em conceber como ultrapassadas os conceitos pedagógicos de Freire. Dentre esses utópicos encontrava João Francisco de Souza.

João, que havia conhecido e convivido com Paulo durante diferentes fases da sua vida, continuou sendo um desses amigos fieis, não apenas defendendo a plena vigência teórica da sua obra para a compreensão do emergente e confuso momento histórico como insistindo em incorporar as suas idéias de diferentes maneiras, nos cantos por onde andava.

No ano de 2002, mais uma vez, João Francisco e eu nos exilamos do Brasil. Eu fui viver em Barcelona e João Francisco em Portugal, ambos fazendo pós-doutoramento. Um dia marcamos um encontro no Centro de Educação Social e Educativa - CREA da Universidade de Barcelona e dirigida pelos professores Ramón Flecha e Rosa Valls. Foi no CREA que reencontrei e redescobri, simultaneamente, Paulo Freire e João Francisco e que me deixou orgulhosa da sua/nossa nordestinidade e brasileiridade. Naquele Centro de Estudos e Pesquisa da Universidade de Barcelona, Paulo Freire era considerado um dos mentores das idéias propagadas em inúmeros trabalhos acadêmicos, de pesquisa e de extensão. Ao lado de outros teóricos internacionais como Habermas, Giddens e Beck, Freire era defendido como um dos autores “mais influente dentro da literatura educativa e,

também, o pedagogo com maior número de referência nas ciências sociais em geral” (depoimento de uma professora do CREA). Suas referências, citadas pelos dois mais importantes bancos de dados das ciências sociais atuais: o Social Fire e o ERIC tornavam Freire, através da sua teoria dialógica e seu enfoque comunicativo, no contexto da diversidade cultural, um dos autores que melhor oferecia subsídios para explicar e justificar o momento inicial do século XXI, ancorado na busca do consenso e da justiça social. Como escreveu o Prof. Ramón Flecha, “as ciências sociais atuais são dialógicas. O giro dialógico das ciências sociais atuais tanto se orienta em direção às contribuições da obra freiriana como a atual sociedade da informação necessita do compromisso proposto por Freire” (Flecha, 2003, p. 24). A complexidade da nova sociedade, organizada e vivida por Seres diferentes e ao mesmo tempo iguais; Seres que se juntam e se distanciam pela cultura ou pelo espaço geográfico, requer compreensões sobre os processos e os desafios de uma totalidade fragmentada por seus processos dinâmicos. Paulo Freire, através das suas idéias pedagógicas, foi capaz de perceber com antecipação as necessidades desse novo mundo em veloz modificação. Esse é um dos motivos da atualização das suas idéias pedagógicas.

João Francisco de Souza, em suas obras, comentava que Paulo Freire foi um pensador do seu tempo, com capacidade para manter-se atualizado e em constante movimento; em constante estado de aprendizagem e de, inclusive, busca de superação dele próprio. Dizia Souza que as contribuições freirianas se identificavam com as práticas educativas e sociais contemporâneas que exigem diferentes exercícios, renovações e novas interações e aprendizagens. A atualidade de Paulo Freire situa-se em sua capacidade de ir mais além de um momento passado ou presente e de suas constantes preocupações com as “responsabilidades das práticas pedagógicas”, e com as posturas éticas do e com o outro/ser social. Esses comportamentos o situa como um pensador contemporâneo, inserido no debate educacional e na prática pedagógica no interior da diversidade cultural, características da pós-modernidade/mundo em renovação. A sua contribuição sobre o papel da educação para potencializar ações capazes de organizar “formas mais agradáveis de convivência na pluralidade em que nos encontramos” permite, continua Souza, considerar que “ a pluri/inter/multiculturalidade crítica assume, na ótica freiriana, o caráter de nova utopia social para o século XXI e, quiçá, infelizmente, para todo o terceiro milênio”.

(Souza, op. cit. p.12/4).

A possibilidade da convivência com o outro mesmo sendo diferente é uma das grandes “utopia do século XXI”. A defesa dessas novas formas de convivências e da aceitação das diferentes maneiras de convivência humana nos campos da economia, da política, da religião, da etnia, do gênero, dos saberes e da interpessoalidade, em sociedades nacionais e num sistema mundial pluriculturais, presente tanto na obra de Paulo Freire como na de João Francisco, reatualiza os quarenta anos da Pedagogia do Oprimido.

Como estou conversando sobre a obra de Paulo Freire e simultaneamente sobre a obra do seu discípulo João Francisco, gostaria de ilustrar a minha conversa e as minhas idéias contando uma experiência de vida ocorrida em Barcelona, em uma das atividades desenvolvidas pelo CREA na Escuela de Educación de Adultos La Verneda de San Martín, denominada Tertúlia Literária Dialógica.¹

Como aporte de justificação recorro a obra de Freire denominada *Conscientização*, especificamente o seu primeiro capítulo chamado: O Homem e sua Experiência: Paulo Freire por si mesmo. Também me apoio na obra de João Francisco, nos seus comentários sobre o conceito freiriano de “processos cognitivos”, entendido como procedimentos pelos quais “mulheres e homens ressignificam seu mundo, o mundo compreendendo-o de uma nova maneira, mais ampla e consistente” (Souza, pág.210). Processos que “dão um sentido novo à compreensão, interpretação e explicações anteriores” (iden.). A sua biograficidade de aprendizagem.

Estou considerando na narrativa biográfica que passarei a expor que, através de uma ação educativa empregando “processos cognitivos”, tive oportunidades de ter aprendido a desenvolver “novas competências intelectuais”, de “confrontar culturas”, “experimentar novas formas culturais”, “adquirir novas socialização ou ressocialização” (Souza, idem) e de me transformar. Em síntese, de ter vivido uma situação de “inserção na transformação das relações sociais predominantes que provocam as desigualdades sociais e as exclusões culturais (Santos, 1995b., in Souza, 2003, p. 19).

¹ O nome Tertúlia Literária era a denominação dada aos encontros e conversações de intelectuais espanhóis, geralmente celebrados em cafés tradicionais. Surgida no ano de 1978, na Escola de Educação de Pessoas Adultas de La Verneda de Sant-Martí, em Barcelona, Espanha, como uma atividade cultural e educativa através da leitura dos clássicos da literatura universal, esta atividade adquire ao longo da sua implantação um sentido de superação da exclusão social. A dinâmica está baseada no diálogo, que é gerador de aprendizagem. Conf. Flecha, Ramón, 2003. Existe, atualmente, um projeto coordenado pela CONFAPEA –Confederació de federacions i associacions de participants en educació i cultura democràtica de persones adultes **democràtica**. chamado “Mil e uma Tertúlias”, sendo desenvolvido através de associações, universidades, grupos de mulheres, movimentos sociais, escolas de educação de adultos, associações multiculturais, etc., em diferentes em estados, cidades e bairros da Espanha e em outros países do mundo (inclusive Brasil, na Universidade de São Carlos).

A narrativa em exposição é posta em uma perspectiva tridimensional. Atribuo a cada uma dessas dimensões a sua própria especificidade, ainda quando, entre elas, exista um caráter de intrínseca inter-relação. Na primeira dimensão eu me coloco como o sujeito da ação educativa. Um sujeito aprendente, vivenciando uma experiência educativa. Na segunda dimensão, trato de buscar relações entre as idéias sobre a atualidade de Freire e o fazer prático educativo, em um contexto de diversidade cultural. Finalmente, na terceira dimensão, procuro refletir sobre as possibilidades dos sujeitos se transformarem através das vivências e de novas experiências e socializações, tornado-se capazes de mudar e transformarem o seu entorno na construção da sua humanidade: a “humanidade do ser humano”. Dito de outra maneira tentarei oferecer subsídios capazes de reforçar a hipótese de João Francisco de que as idéias pedagógicas de Freire assumem o “ caráter de uma nova utopia para o século XXI”, contribuindo para valorizar o papel da educação no debate inter/multicultural e no interior da diversidade cultural.

II – Eu, sujeito aprendente

Cheguei a Barcelona no mês de novembro de 2002. Desde do primeiro momento senti naquela cidade multicultural, a cada minuto do cotidiano, uma efervescente diversidade cultural. As diferentes etnias, idiomas, religiões, traços étnicos e formas de organizar e viver a vida desafiavam diferentes grupos institucionais e não institucionais. Não me parecia fácil potencializar ao indivíduo e ao coletivo ali agrupados novas práticas pedagógicas capazes de estabelecer diálogos entre distintos grupos culturais, facilitando a convivência e diminuindo o conflito que emerge de forma latente em cada espaço daquele território transcultural.

Logo nos primeiros meses após minha chegada, sem conseguir maior integração com os grupos locais e sem maior domínio das regras culturais do novo contexto – inclusive de dominar o idioma catalão - sentia-me insegura e em situação de exclusão².

² Segundo Bonneti, citando Vicent Gaulejac et alii, 1994, a exclusão social pode ser vista como processo resultante de mutação tecnológica, social e cultural. A exclusão social está relacionada à luta pelo espaço na sociedade e ocorre entre indivíduos e instituições ou organizações sociais. O indivíduo, à medida que perde a identidade, o espaço social, é também um excluído. (2000: 28-29).

Esses sentimentos, causados pela sensação de inúmeras perdas: da *identidade*, do espaço social familiar, da *voz* (Burke,1995) e do reconhecimento social propiciado pelo *local*, contraditoriamente, se compensava pela liberdade do anonimato e dos desafios de viver, de forma intensa, novas experiências e descobertas plurais, tanto do ponto de vista acadêmico como social. As condições multiculturais da cidade, por exemplo, propiciando constantes manifestações e debates sobre os *iguais e os diferentes* e sobre a possibilidade de se *viver juntos* (Touraine, 1999), enunciavam, de forma contraditória, as possibilidades humanizadoras da tolerância e da inclusão em um mundo globalizado, apesar da dificuldade de se conviver com uma “pluralidade de mundividências”, com” sistemas de valores múltiplos” e aparentemente antagônicos.

Passado os impactos iniciais do meu exílio voluntário, pouco a pouco passei a celebrar a oportunidade impar de me submeter a todos os processos de aprendizagens que me possibilitassem combinar o pluralismo cultural em situação de descobertas com as experiências de vida (identidade pessoal) propiciadas pela vivência anterior, em busca de uma “*auto-adaptação*” (Burke, op. cit., p.91).

Vivenciando essas sensações duais e heterogêneas iniciei, como voluntária, meu ingresso nas atividades oferecidas pela Escuela de Personas Adultas la Verneda-Sant-Martí,³ especificamente nas tertúlias dialógicas de literatura universal – ou tertúlia literária – acreditando ser a mais adequada às minhas capacidades e condições de *estrangeira*. Esta atividade educativa propiciava a um grupo formado por pessoas com idade variável entre 50 e os 85 anos, durante duas horas por semana, entrecruzarem estórias e idéias expostas nas obras literárias de diferentes autores com as suas vivências e os acontecimentos cotidianos, materializando um processo de educação de adultos focalizado na participação, superação da desigualdade, inclusão e mudança, via aprendizagem dialógica⁴. Uma experiência educativa baseada nas idéias de diálogo e de consenso e defendidos por

3 A Escuela de Personas Adultas de La Verneda-Sant Martí, foi fundada nos ano de 1978 através de iniciativas de s da população no bairro de Sant Martí - bairro operário circunscrito à cidade de Barcelona. Um grupo de cerca de 20 vizinhos pretendia, entre outras coisas, obter um espaço para os que não sabiam ler e escrever e garantir-lhes, assim, acesso à educação. A ocupação pelo grupo de um prédio vazio, no qual funcionava a extinta seção feminina do regime franquista, possibilitou a criação de um centro cívico comunitário, com uma creche, uma biblioteca, um lugar para jovens e para aposentados e a sonhada escola de adultos. No decorrer de 20 anos, os participantes da Escuela de La Verneda, em conjunto com outros movimentos dos moradores do bairro, conseguiram transformações comunitárias de natureza urbanística e cultural.

2.Considera-se Aprendizagem dialógica como o “resultado das interações que produz o diálogo igualitário, ou seja, um diálogo em que diferentes pessoas aportam argumentos em condições de igualdade, para chegar ao consenso, partindo do que se quer comunicar e falando sem pretensões de validez”. (Flecha, 2003)

pensadores como Freire, Habermas, Beck, Giddens e Vygotsky e com objetivo de despertar nos alunos elementos capazes de concretizarem ações para a construção da igualdade educativa e para a luta contra a exclusão social de pessoas adultas, notadamente idosas. (Flecha e Miguel, 2001).

Assim, no verão de 2003, ciente da minha condição de *Estranha* ao grupo (Beck, 2000) oriunda de um país visto como colonizado, ingressei, timidamente, em uma turma especial de leitores dos clássicos da literatura pelas mãos de Cervantes. Foi ele, através das suas Novelas Exemplares, quem me introduziu nas tertúlias literárias. Objetivamente eu tinha presente que *participar* das atividades de educação de pessoas adultas oferecidas pela Escuela La Verneda-Sant Martí, aplicando conceitos educativos baseados no diálogo e na interação e privilegiando as relações entre educação, transformação e cidadania, me possibilitaria novas aprendizagens e auto-aprendizagem e novas sociabilidades. Mas, por outro lado, naquele contexto, culturalmente diferente do meu grupo de origem, sabia que outras necessidades de natureza subjetiva - as necessidades de natureza simbólicas e afetivas (González Ochoa, 2000) -, emergiam de forma mais visível, desafiando meu equilíbrio e minha capacidade de “ressocialização”. Eu, estrangeira, “exilada”, portadora de experiências diferenciadas das que caracterizava o grupo, necessitava interagir e compartilhar com o outro. Necessitar viver e compartilhar com outros sujeitos das minhas experiências; necessitava somar e dividir as novas experiências em aquisição, uma das formas de exercitar a prática do *viver juntos, ainda sendo diferente*. (Touraine, 1988).

Eu havia sido informada que, exceto a monitora e os voluntários (como eu), nenhum dos demais integrantes da Tertúlia tinha realizado ou estava realizando estudos universitários e nem “pertenciam ao público habitual ao que se dirigem as ofertas culturais”, ou seja, pessoas adultas “que os preconceitos oficiais (inclusive os meus) consideram como não motivadas pela literatura” (Flecha: 2003:11).

Após as primeiras sessões onde fui sujeito e objeto de exames, passei a me sentir mais segura para “compartir as palavras”, mesmo quando me expressasse com algumas “dificuldades e hesitação” (Burke, op. cit. p. 68) em um idioma que não era o meu. Ao compartilhar as palavras ia adquirindo a sensação de *pertença* e *de integração*, apesar da minha condição de *estranha* e de *estrangeira*. Essa integração, também, ia me propiciando o surgimento de uma nova identidade, mescla do antes estabelecido com variedades de

coisas novas e estranhas (Baumann, 1992. In: Beck, op. cit., p. 149). As diferenças continuaram a existir, entretanto, sentia-me igual nas minhas condições de diferente.

Ao redor de uma mesa os/as participantes se permitiam sem temores ou inibições exporem os seus desejos, necessidades, esperanças e sonhos. Eram a tertúlias, verdadeiras *comunidades dialógicas de aprendizagem*,⁵ que nos possibilitava ampliar nossos conhecimentos sobre literatos, pensadores, educadores e, também, de estabelecer laços de sociabilidades e de solidariedade. Nesses processos de interação as pessoas iam aprendendo e ensinando, aplicando na prática, os significados de conceitos que envolviam a relevância da cidadania e da liberdade. Uma liberdade como um modo de ser; capaz de definir parte do seu próprio destino, tornando-se a história de um ou de uma. Tornando-se a minha própria história. Nesse processo educativo, misturando interações subjetivas com o processo de reflexão e comunicação, os participantes iam elaborando os significados de suas vidas e desenvolvendo ações de transformação materializando as idéias de Freire sobre a emancipação do ser.

II – Eles e Elas: indivíduos em construção de novas convivências

João Francisco, no livro *Atualidade de Paulo Freire*, problematizou as “probabilidades que podem ter os processos educativos de contribuir com a construção da humanidade do ser humano, de todos os seres humanos em todos os quadrantes da pós-modernidade/mundo em sua integridade”. Também problematizou a diversidade cultural como possibilidade de um diálogo inter e intracultural na construção de processos educativos com as camadas populares das sociedades nacionais e da sociedade mundial como resposta aos desafios da pós-modernidade/mundo. Ele supunha e defendia que as diferentes práticas pedagógicas, quando capazes de proporcionarem experiências significativas, se fossem vividas interculturalmente, tornavam-se capazes de garantir e desenvolver o desejo e a luta por sociedade democrática.

No caso das tertúlias literárias, considero-as *experiências significativa* por propiciarem aos seus participantes oportunidades de exercerem as suas “inteligências

⁵ Na Espanha, as Comunidades de Aprendizagens são entendidas como centros educativos do ensino primário e secundário que abrem suas portas aos membros da comunidade na busca coletiva de respostas igualitárias a partir da perspectiva da educação para os desafios da *nova sociedade que chamamos da informação, do conhecimento, ou do risco*.

culturais” com base no “diálogo igualitário” e de estabelecer uma relação entre a obtenção da informação, o uso da palavra e a capacidade de elaborar idéias (ação comunicativa) (Melo Neto, 2002).

Recordando aquelas pessoas que durante meses e anos, se juntavam para vivenciarem, através de uma *produção colaborativa*, as histórias dos livros que liam, para contarem histórias das suas vidas e histórias dos seus cotidianos, não tive dúvida da existência de uma aprendizagem que se adequava às novas exigências de um mundo em transformação, marcado por profundas modificações sociais, avanços tecnológicos e novos padrões de comunicação. Como entende Gonzaga (2003, p.45), à luz das idéias de Freire, os “oprimidos” necessitam recriar sua existência com os recursos e os materiais que a própria vida lhes ofereceu. Os caminhos se ampliam quando as descobertas são significativas para o aprendiz e quando, através da aquisição de novas informações, conhecimentos e saberes, encontram alternativas para a preservação e a constante recriação da vida, e tornam-se capazes de superar os obstáculos que impedem a aprendizagem e as mudanças.

III - Nós, sujeitos de aprendizagens na sociedade multicultural

A leitura e interpretação dos textos escritos selecionados pelo próprio grupo para leitura e discussão, propiciava emergir novos textos orais - composição de histórias de vida - produto do conjunto das opiniões, idéias, reminiscências e posicionamentos: a “*criação de sentido*” da aprendizagem dialógica. Era através do princípio da capacidade dialógica que as pessoas iam procurando respostas para as inquietações e as opções de vida: para as buscas do prazer e as satisfações individuais, para estabelecer redes: de solidariedade e de apoio, de criação e de emancipação

Os diálogos reflexivos, presentes nas idéias de Paulo Freire e operacionalizados nas tertúlias, provocavam mais aprendizagem e mais solidariedade entre os/as participantes, faziam dessas sessões de estudo, verdadeiras “comunidades de aprendizagens”. Essas reuniões permitiam aos participantes não apenas a interação, a comunicação, o diálogo igualitário e a construção de significados. Elas abriam as possibilidades de que pessoas adultas e de pouca escolaridade pudessem ampliar sua maneira de ser e de viver o processo

educacional como um componente natural da vida cotidiana, com mais instrumentos para intervir e atuar na busca da satisfação das necessidades e aquisição e crescimento de espaços de liberdade. Como um espaço de trocas e de diálogos entre os iguais e os diferentes,⁶ possibilitava a pluralidade de informação e o reconhecimento da existência de múltiplos e importantes saberes, independentemente de serem produzidos pela “cultura socialmente válida”. Assim, os princípios *da aprendizagem dialógica*: diálogos igualitários, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade na diferença, aplicados nos procedimentos metodológicos das tertúlias, iam se revelando e abrindo espaços para que *os iguais* – detentores de características homogêneas - e *os diferentes* – portadores de diversidades heterogêneas – participassem da aprendizagem do “*vivir juntos em una verdadera igualdad que incluye el derecho de cada persona a vivir de forma diferente*” (Elboj e outros, 2002., p.130), ampliando as aprendizagens sobre o atual sentido da justiça social, da tolerância e da solidariedade, valores reafirmados no conjunto das propostas para o exercício democráticos do século XXI. (Beck, Giddens y Lash, 1997).

O estabelecimento dessas ações evidencia a relação entre os conceitos e os princípios da aprendizagem dialógica – presentes na concepção e na operacionalização das tertúlias literárias - e o alcance da sua aplicação prática manifestada nos processos educativos. Através da reflexão sobre o sentido e significado da vida, de suas vidas, das vidas dos seus amigos e familiares e da vida dos personagens dos livros que liam, os adultos iam efetivando “experiências de criação e recriação da própria vida” (Freire, In; Gonzaga, 2002, p.32), produzindo e aplicando conhecimentos e saberes.

Por tudo isso, acredito que a proposta teórico-metodológica da tertúlia literária em aplicação na Escuela de Adulto La Verneda de Sant-Martí, Barcelona- Espanha propicia que pessoas adultas com características e histórias de vidas semelhantes e diferentes combinem interesses e objetivos *particulares e universais* (Velho,1999: 18) para em conjunto transformarem experiências (*projeto individual*), vividas e percebidas, em respostas coletivas (*projetos sociais*), que lhes possibilitem a construção - para si e para o

⁶ Nas atividades de educação de adultos predominam aos alunos da “terceira idade”, denominados na Espanha como “mayores”, mulheres na maior parte. Dentre os participantes, uma parcela significativa é de imigrantes: em 2002, havia 273 participantes da escola originários de 47 países, inclusive 15 brasileiros.

outro – de um *campo de possibilidades* na superação de situações de desigualdade social e educativa.

Foi durante essa experiência de aprendizagem processada de forma dialógica e coletiva que senti de perto a materialização das idéias de Freire sobre o “legado humano”. Convivendo com essas pessoas e escutando suas histórias pude aprimorar minha percepção sobre o lado humano, terno e generoso dos participantes, sua disponibilidade para se comover e se solidarizar.

Para Torres, o legado humano, terno e generoso que a obra de Freire retrata talvez seja o maior aprendizado, muito maior e mais duradouro do que uma teoria educativa e qualquer método de alfabetização possam ser. (Torres, In: Freire, A. M., 2001. p. 242).

Para mim, as tertúlias literárias me permitiram uma oportunidade de integração, de inclusão e de aprendizagem. Penso que sua dimensão educativa acompanhará a todos nós que fomos buscar, através da literatura e da convivência, uma forma de aprendizagem e de possibilidades de mudanças. Uma aprendizagem, sobretudo, da aceitação “do humano pelo humano”, do conviver e do respeitar o outro em situação de igualdade, mesmo sendo diferente.

Dezembro de 2003 chegou e eu teria que regressar ao Brasil. Em uma fria noite de outono me despedi do grupo. Apesar do clima hostil que pairava na rua, o ambiente onde ocorria a tertúlia era cálido e generoso. A despedida registrada com a doação de um livro de literatura espanhola contendo dedicatórias carinhosas e com um coro de *Vozes* entoando uma tradicional canção de despedida, fortaleceu minha convicção sobre a importância das emoções para o estabelecimento dos laços de solidariedade presentes nas relações sociais.

Naquele momento, vivenciando confusos sentimentos de tristeza e de alegria, lembrei-me de uma tarde de verão quando, percebendo-me em situação de exclusão e de diferente, sentei-me em torno à mesa, iniciando minha participação nas tertúlias através de Cervantes. Também lembrei da “Canción para Caritó”, quando a personagem tema da melodia, na condição de emigrada da província para Buenos Aires, põe em evidencia a solidão em meio da multidão e a necessidade de se sentir reconhecida e identificada entre os demais.

Naquele recinto da tertúlia eu, continuando *diferente*, já não me sentia anônima nem indeterminada. Não me sentia uma a mais no ritmo febril da grande cidade. Eu havia me

transformado em nós, pertencia ao grupo de pessoas que mesmo sendo diferente encontrava naquela experiência de educação de jovens e de adultos, um espaço de respeito e de solidariedade com o outro. Saí da mesa e da sala com uma forte convicção de que muito havia aprendido com os meus companheiros. Uma aprendizagem baseada no respeito ao outro e na solidariedade; uma aprendizagem capaz de validar “os princípios da aprendizagem dialógica” defendida por Freire.

Mesmo quando toda história seja uma história sem fim, gostaria de concluir lembrando João Francisco. João Francisco que traduzia Paulo Freire na perspectiva da pós-modernidade e o identificava como um pensador em sintonia com “o sentido da história”. Uma história “como possibilidade que se tece na luta de mulheres e homens que buscam sua humanidade”; como construção de pessoas Oprimidas de diferentes formas e em diferentes circunstâncias. Uma história que persegue a utopia da libertação a partir das diferenças. Essas diferenças que possibilitam, através do diálogo, a descoberta - como costumava dizer Souza - da “nossa radical igualdade” e da construção da história.

Referências

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. REDE DE APOIO À AÇÃO. *Diversidade dos sujeitos. Alfabetização e cidadania*. São Paulo: RAAAB Alfabetizadora do Brasil, número 4. dez, 1996.

ANDRADE, Marta de Andrade. *A vida em comum. Espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony, LASH, Scott. *Modernización reflexiva política, tradición y estética en el orden social moderno*. Madrid: Alianza Universidad, 2001.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *La construcción social de la realidad*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1994.

BONETI, Lindomar Wessler. Políticas Públicas, Educação e Exclusão Social. In: _____ Educação, exclusão e cidadania. Rio Grande do Sul: Editora UNIJUÍ, 2000, p. 13 – 38.

BURKE, Peter. *A arte da conversação*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

DANIELS, Harry. *Vygotsky e a Pedagogia*. São Paulo: Loyola, 2003

ELBOJ, Carmen, et.al. Comunidades de aprendizaje. Transformar la educación. Barcelona: Graó, 2002.

FECHA, Ramón. *Compartiendo palabras. El Aprendizaje de las personas adultas a través del diálogo*. Barcelona: Paidós Ibéria. s/a, 2003.

FREIRE, Ana Maria. *A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo Freire. *A importância do ato de ler. Em três artigos que se completam*. Questões da nossa época. 45ª. edição. São Paulo: Cortez Editora. 2003

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Luiz Gonzaga. Paulo Freire e a Pedagogia a Serviço da Experiência e Recreação da Vida. In: *Práticas Pedagógicas e Práticas de Linguagem*. Revista de Educação AEC. Associação de Educação Católica do Brasil. ano 32. n. 128, julho/setembro. 2003. Brasília: AEC, 2003.

GONZÁLES OCHOA, César. *La cultura desde el punto de vista semiótico. Recepción artística y consumo cultural*. México: Instituto Nacional de Bellas Artes/ Centro Nacional de Investigación, Documentación e Información. 2000. pp. 109-151.

_____. La Antropología, ciencia de la cultura. In: _____. *Aprender-comprender la Antropología*. México: Compañía Editorial Continental, 200. pp. 375-399

HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa*. V. I e II. Madrid: Taurus, 1987

MELO NETO, José Francisco. *Diálogo em educação: O diálogo, como atitude própria humana, expressão da capacidade de perguntar e responder ao outro, como igual, é componente fundante da educação*. Tese apresentada para concurso de professor titular da Universidade Federal da Paraíba da disciplina Filosofia e História da Educação. João Pessoa, Pb: Junho, 2002. cópia eletrônica

SOUZA, João Francisco de. Atualidade de Paulo Freire. Contribuição ao debate sobre educação na diversidade cultural. São Paulo, Cortez Editora, Instituto Paulo Freire, 2002.

TORRES, Rosa Maria. Os múltiplos Paulo Freire. In: _____ Freire, Ana Maria. *A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

TOURAINÉ, Alain. *Poderemos Viver Juntos? iguais e diferentes*. Petrópolis, R.J: Vozes, 1998.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 6ª. edição. 1999.

VILA, Ignasi. El espacio social en la construcción compartida del conocimiento. In: *Educación: revista del Departament de Pedagogia i de Didáctica. Universitat Autònoma de Barcelona*. Barcelona, UAB:.. Números 22-23, 1998. p. 55-98

